**Discurso do ministro Gilberto Gil na entrega do Prêmio Cultura Viva**

RIO DE JANEIRO, 6 DE JUNHO DE 2006

Senhoras e senhores.

O primeiro ato dessa premiação é agradecer. Gratidão pela vida e pelo princípio da cultura como imensa teia de trocas e circuitos no compartilhar.

Poucas vezes na história brasileira o Estado recebeu uma resposta tão imediata e entusiasmada da sociedade como os milhares de participantes deste Prêmio Cultura Viva que hoje encerra o seu primeiro ciclo. O primeiro dos muitos ciclos que agora se abrem.

É a nossa primeira curva no caminho.

Ao premiar os três vencedores nacionais na categoria ‘Tecnologia Social’, os três projetos na categoria ‘Manifestação Tradicional’, mais outros na categoria ‘Gestão Pública’, cumprimos só a primeira etapa de um Prêmio que homenageia a cidadania.

O Prêmio Cultura Viva tem um plano de continuidade, mapeamento, encontro e construção de rede com um alcance além desse momento e que deverá continuar daqui pra frente.

Este é o verdadeiro sentido desta premiação.
Os escolhidos passaram pelos critérios técnicos das comissões, mas há uma pulsação oculta muito maior nesse mérito: ampliamos nossa percepção da verdadeira cultura viva que vitaliza a arte brasileira em milhares de inscrições vindas de todo o território nacional.

Todos os 30 finalistas receberão apoio técnico em oficinas de fortalecimento da gestão, da expressão artística e da reflexão da ação empreendida. Todos os 100 semifinalistas hoje integram uma base formadora da rede nacional sobre cultura popular e somam informações estratégicas no banco de dados do próprio Ministério que muito vai orientar nossas futuras ações.

Somos todos vitoriosos não apenas em sentido figurado. Mas também por saber que a opção do Ministério da Cultura pelo reconhecimento e aliança com a sociedade nos reforça e legitima a continuar e a consolidar cada pedacinho conquistado.

Nosso caminho é comum e faz história tanto na máquina do Estado quanto na participação cidadã da arte que se faz autêntica e recria a diversidade brasileira. Um caminho sem discriminar idéias, estéticas, linguagens, expressões, meios e modos de se usar ferramentas tecnológicas para dar voz e vez ao Brasil ativo, vivo, porém ainda oculto.

Esta sintonia nacional entre o Minc e tribos, quilombos, guetos, asfalto, ribeirinhos, sertões, salões performáticos, estúdios informáticos, favelas, periferias, parques, municípios, assentamentos rurais e espaços comunitários organizados é um reforço aos nossos Programas pela cultura realmente viva cúmplice da ampliação da consciência coletiva e individual.

Nossa força vem do valor dessa gente que decidiu começar a mudar as coisas que pareciam impossíveis de serem mudadas. Essa gente que não se entrega. Essa gente insatisfeita com o que chamam de realidade. Essa gente que decide escrever a sua própria história. Dar o seu ponto de vista sobre as coisas. Gente inquieta, criativa, solidária e ativa para juntar mais gente. Capaz de usar a arte e a tecnologia a seu favor para viver a cultura em todos os modos e jeitos de ser, falar, cantar, escrever, pintar, dançar, cozinhar, vestir e falar da sua vida.

Nessa base estão os 430 Pontos de Cultura e o próprio Programa Cultura Viva, que amplia ainda mais o nosso mapeamento do território nacional e seu banco de dados de projetos e saberes. Se a partir de um ponto a gente pode refazer o mundo, a partir de muitos pontos, reunidos, fortes, visíveis, presentes, ativos, vamos desenhar muitas linhas para mudar as coisas e derrotar preconceitos.

É assim que a cultura faz o Brasil e o país começa a se mostrar vivo e passa a existir pelo saber e o fazer de cada um de vocês. O famoso ‘Brasil brasileiro’ da Aquarela do Ary brota no Brasil vivo, cotidiano, que não é só um mapa, uma bandeira, um símbolo, conjunto de instituições políticas, sistemas de leis e relações produtivas e econômicas. É um Brasil de alma, espírito e imaginário simbólico. É o Brasil da cultura viva que hoje é reconhecido nas políticas públicas do governo do presidente Lula como um grande desenho construído, ponto a ponto, linha a linha, idéia a idéia.

Este Prêmio reforça o magnífico encontro que vivenciamos na Teia, realizada em abril na Bienal de São Paulo, quando sentimos na pele o poder de mobilização e realização das comunidades em conjunto com o Estado.

Sentimos a proximidade e a emergência da criação organizada de uma rede de trocas permanentes e de um fluxo contínuo de liberdade de expressão e circuitos de mostras entre todos. A rede rompe as paredes.
Pela rede desenrolamos as travas e criamos outras tramas.

Vamos construir a Rede Teia como uma rede que se entrelaça na comunhão dos artistas e ultrapassa o artístico por se fazer maior nas praças comunitárias em sintonia fina com a cidadania.

Quando lançamos este Prêmio em 2005, no chão da Mangueira, falamos de um prêmio ao mesmo tempo porto para conquistas e parto para novos nascimentos e descobertas.

O Prêmio, idealizado pelo MinC e pela Unesco, com coordenação técnica do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), não tem o ranço da competição predatória. Não foi criado para eleger um trono discriminador e discriminatório. Todos são os melhores porque pra fazer arte e ser um cidadão combativo em meio a tanta dificuldade já é um prêmio de sobrevivência guerreira da resistência vencedora no premio maior da vida solidária.

Este Prêmio desejou ampliar o reconhecimento, expor o que já existia em áreas mais localizadas, ampliar o alcance e dar mais visibilidade para que mais forte ainda fossem os contatos e interligações entre sociedade e governos federais, estaduais e municipais.

Um Prêmio para mostrar o potencial econômico da cultura além das mais imediatas e flagrantes funções sociais e estéticas. As comunidades reagem ao perverso isolamento e respondem com arte, graça, ginga, raça e manha ao tratamento folclórico, caricatural das suas necessidades como ‘carências de periferia’. Estamos no centro do salto que o país precisa dar. Estamos no ponto de ebulição da identidade nacional que precisa se afirmar em outros campos da política e soberania nacional frente aos mercados. Somos a mola, e por isso, a cultura é um ponto de referência para as mudanças mais profundas e com raízes permanentes.

Na Teia, juntos, com a economia solidária, redes do MST e da UNE e centenas de Pontos de Cultura de todo o país, mostramos um Brasil oculto em três dias de atividades e reflexão. Um Brasil que sai das sombras e se revela à revelia das reverências de mercado para cumprir essa revolução cidadã pela arte na palavra manifesta, em som, imagem, testemunhos, corpo em movimento, luz, cor, gesto e pela força das idéias. Com e pela Cultura Viva saímos das sombras à revelia dos revertérios e reversos, sem revide nem revanche.

Este Brasil ainda não percebido pelo vício das coberturas monitoradas ocupa seu espaço como sujeito principal e sai da figuração. Entra em campo e manda na sua própria vida. Pelo vigor da resistência cultural contribuímos, com este Prêmio e outras ações do Ministério da Cultura, nessa reação ao anonimato imposto e abortivo.

Queremos o curto-circuito para inflar o reggae no xote, a chula na toada sertaneja, o coco com o rap, o rap e o repente, o maracatu com o marabaixo, o samba com o sampler, a ópera com operários, até o hippie com o hop, enfim, a velha sabedoria de Jackson do Pandeiro em seu chiclete com banana.

O Programa Cultura Viva do MinC, faz, pela primeira vez na história das políticas públicas para a cultura brasileira, um reconhecimento plural e democrático de quem já é, já faz, já diz, já mostra. O Estado não impõe: dispõe. O Estado vai junto para crescer com a comunidade em organização e capacidade de multiplicação.

É o maior investimento direto de uma política pública em cultura desenvolvida e produzida pelas próprias comunidades: favelas, jovens, periferias, parques, municípios, indígenas, quilombolas, assentamentos rurais e espaços de expressões que ganham visibilidade. É o maior investimento já feito, na cultura popular e comunitária, em toda a história do Brasil, e talvez do mundo. Neste governo temos um Ministério realmente da Cultura, ampla, geral e irrestrita, que se legitima na aliança com a sociedade. Não somos um ministério restrito na administração de eventos. Vivemos a Cultura em seus valores simbólicos, na ampliação da consciência, na dimensão econômica e na capacidade de melhor organizar para melhor mudar o que precisa ser mudado.

Neste sentido todos os participantes do Prêmio Cultura Viva são vitoriosos e já recebem no cotidiano o prêmio maior da cidadania que é a alegria nascida do respeito e a vibração de guerreiros do entusiasmo dos que aprenderam a não se entregarem nunca.

Este Prêmio tem um conteúdo educativo que vai deixar frutos bem mais profundos na organização e conscientização de todos. Este Prêmio vai além da distinção de uma vitória particular. Sabemos que cada participante o é exatamente pela força ativa do seu trabalho em sua comunidade. E isto é um prêmio em si.

O Cultura Viva quer estimular a troca das riquezas culturais e valores humanos. Afirmar o quanto nossa voz fica mais forte quando conectada e transmitida em canais sob o nosso controle de emissão e conteúdo. É assim que cada um cresce no exercício do sagrado direito de dizer o que pensa; pensar o que diz, e trocar mais com o que pensam e dizem por aí.

Por isso esta premiação é apenas uma etapa de um processo mais amplo que envolve também a identificação, a sistematização e a divulgação dos diferentes projetos. O Prêmio incentivou a formação e, pelo acompanhamento da evolução dos indicadores de cada projeto cultural, criamos história, aprendemos métodos e o Estado vai se capacitar para corresponder melhor esta sociedade hoje e no futuro.

O maior prêmio é merecer a vida e, pela cultura, aprender a compartilhar para que esta vida seja melhor para todos.

Essa vida vivida com deveres e responsabilidades, mas também plena de direitos, beleza, criação e o poder de ser o que realmente somos: artistas e artesãos dos nossos próprios destinos.

Muito obrigado.